

A escrita como abrigo: metáforas do cuidado e resistência na obra *Quarto do Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus

Alice Ramos Caetano¹

Analú da Silva França²

Heloísa de Sales Moraes³

Lorena Marques dos Santos Cerqueira⁴

Dra. Daianna Quelle da Silva Santos da Silva - Orientadora⁵

Resumo

Este estudo busca compreender as metáforas de cuidado presentes na obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. A partir da análise de seu diário, exploramos como a autora transforma sua experiência cotidiana de pobreza, maternidade e resistência em imagens carregadas de significado. Mais do que simples figuras de linguagem, suas metáforas revelam as complexidades do cuidado em meio à escassez, expondo tanto a força quanto a vulnerabilidade de quem luta diariamente pela sobrevivência. Assim, este trabalho procura dar voz a essas narrativas, destacando a sensibilidade, a profundidade e a poesia com que Carolina registra sua dura realidade.

Palavras-chave: Metáforas. Cuidado. Carolina Maria de Jesus.

Abstract

This study seeks to understand the metaphors of care present in *Quarto de Despejo*, by Carolina Maria de Jesus. Through the analysis of her accounts, we explore how the author transforms her daily experience of poverty, motherhood, and resistance into deeply meaningful images. More than mere figures of speech, her metaphors reveal the complexities of care amid scarcity, exposing both the strength and vulnerability of those who struggle daily for survival. Thus, this work aims to give voice to these narratives, highlighting the sensitivity, depth, and poetry with which Carolina records her harsh reality.

Keywords: Metaphors, Care, Carolina Maria de Jesus.

¹ Discente do 3º ano A, no Colégio Adventista da Bahia.

² Discente do 3º ano A, no Colégio Adventista da Bahia.

³ Discente do 3º ano A, no Colégio Adventista da Bahia.

⁴ Discente do 3º ano A, no Colégio Adventista da Bahia.

⁵ Doutora em Estudos Linguísticos pela UEFS, com mestrado na mesma área, formada em Licenciatura em Letras Vernáculas pela UEFS e especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pelo IBPEX. Escritora dos livros *Contos às Marias* (2017) e *Nas Redes da Vida* (2022). Atualmente é docente universitária e do Colégio Adventista da Bahia (CAB).

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Escrever é, muitas vezes, um ato de sobrevivência e ao lermos a obra de Carolina Maria de Jesus, percebemos esse ato, também, como de resistência. Em meio à fome, à exclusão e ao abandono, Carolina Maria de Jesus encontrou nas palavras uma forma de organizar a dor, mas também de oferecer abrigo às suas angústias, expectativas e, ao manusear seus escritos compreendemos que eles não apenas denunciam a miséria da favela, mas constroem espaços de afeto, proteção e dignidade.

A expressão “cuidado” é, muitas vezes, polissêmica, ao mesmo tempo que podemos levar para o aspecto medicinal, trazemos para o cozimento, oferecimento de alimento, bem como a costura, lavagem de roupas, conforme comumente vimos essa construção histórica da figura materna.

Desta maneira, pretendemos, neste trabalho, abordar as conceptualizações de cuidados na obra já mencionada de Carolina Maria de Jesus. Como base teórica nos dedicamos a compreender a teoria da metáfora conceptual, proposta por Lakoff e Johnson (1980), para analisar o objeto da pesquisa. E, de antemão, pontuamos que a concepção de metáfora não é apenas como uma figura de linguagem do jeito que aprendemos na escola que, de certa forma, vemos nos poemas, contos entre outros gêneros literários, mas na visão de Lakoff e Johnson (1980) a metáfora é tratada como uma parte essencial do nosso modo de ver, de pensar e de compreender o mundo.

2 SOBRE A OBRA E A ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus, hoje reconhecida como uma das mais relevantes escritoras negras do Brasil, se tornou uma voz importante para denunciar problemas sociais, fazer críticas contundentes à política e trazer para perto de quem lê a realidade de catadora de lixo através de sua escrita no diário.

A obra *Quarto do Despejo: diário de uma favela*, foi publicada em 1960 e reúne anotações do dia a dia da autora na favela. Por ser um diário, é notória a sinceridade e sensibilidade ao retratar as situações vivenciadas, requerendo dignidade e esperança em meio à miséria. Escolhemos trazer a capa da décima edição do livro (**figura 1**) como uma maneira de conhecer aspectos da obra e reforçar os impactos visual e simbólico que seu diário continua exercendo na literatura e na sociedade brasileira.

Figura 1: Capa da décima edição do livro Quarto de Despejo, diário de uma favelada



Fonte: JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Quarto-Despejo-Diário-Uma-Favelada/dp/8508171277>. Acesso em: 25 fev. 2025.

Ao escrever, Carolina ressignifica a condição de “favelada”, recusando a invisibilidade imposta. Seu diário, ao mesmo tempo íntimo e político, individual e coletivo, se mostra como uma escritura de resistência: aquilo que a sociedade tentava apagar, ela insistia em escrever. Seu gesto autoral desestabiliza as fronteiras entre literatura e vida, entre arte e denúncia, entre silêncio e voz. Desta forma, afirma que “[n]a realidade, a linguagem oral ou escrita é um instrumento que auxilia na ascensão social e profissional do ser humano. (Souza, 2001, p.147)

A escassez parecia fazer parte de sua vida, era a ausência do que comer, do que vestir, do que calçar, do que oferecer como abrigo aos filhos. Paradoxalmente, entretanto, sua escrita se mostra um abrigo simbólico: para o protesto, para o conhecimento, para os sonhos, denúncias.

É importante dizer, que ao ler suas letras naquele livro, vimos o seu cotidiano e nele o cuidado aparece nos pequenos gestos: uma mãe que reparte o pouco que tem, busca a todo custo alimentá-los, como é visto em:

Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo à toa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante. (JESUS,1993, p.55)

Aqui é como se Carolina Maria de Jesus trouxesse o alimento como elemento principal para um espetáculo em que os atores principais são seus filhos se alimentando, destacados pelo cuidado de uma mãe que os alimenta. Deste modo, mesmo diante da escassez, Carolina Maria de Jesus transforma sua escrita em um gesto de acolhimento.

Sendo assim, cuidar não se limita ao que fazemos pelos outros, também se reflete na maneira como contamos nossas histórias e damos sentido às nossas experiências. Em seus diários, Carolina não apenas registra a dura realidade que vive, mas também ressignifica a dor, buscando beleza e esperança onde poucos enxergam algo além do sofrimento. Seu olhar para a vida não é só de denúncia, mas também de compaixão. Ao

escrever sobre a fome, ela não apenas expõe um problema social, mas compartilha sua própria humanidade e a de todos que, como ela, foram silenciados.

Analisando sua obra, podemos perceber que sua literatura não apenas informa, mas acolhe e fortalece, mostrando que, mesmo nas condições mais adversas, a palavra pode ser um gesto de amor e resistência. Seu legado nos convida a refletir sobre o papel do cuidado em nossas relações e sobre o poder transformador da literatura na construção de um mundo mais sensível e humano.

Ler *Quarto de Despejo* é como entrar na casa de Carolina Maria de Jesus e estarmos sentados ao seu lado, ouvindo suas histórias. Mas não é uma casa qualquer. É um barraco simples, onde o chão de terra e as panelas vazias fazem parte da rotina. Entre uma página e outra, sentimos o peso da fome, o amor pelos filhos e a indignação diante da injustiça. Carolina Maria de Jesus não apenas conta o que viveu, mas nos faz sentir cada momento, com palavras que não precisam ser rebuscadas para tocar fundo, inclusive.

Seus relatos mostram que cuidar, na favela, é um desafio diário. O cuidado não vem com conforto ou segurança; ele se manifesta nos detalhes mais simples: no pão dividido entre os filhos, no sapato encontrado no lixo e remendado com carinho, na preocupação constante em protegê-los da violência ao redor. Para Carolina, o cuidado não era apenas uma obrigação, mas um reflexo profundo do seu amor e dor. Ela vivia constantemente o sofrimento dos filhos e traz para si, como podemos ver em:

Levantei as 7 horas. Alegre e contente. Depois que veio os aborrecimentos. Fui no depósito receber...60 cruzeiros. Passei no Arnaldo. Comprei pão, leite, paguei o que eu devia e reservei dinheiro pra comprar Licor de Cacao pra Vera Eunice. Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos pra fora. A D. Rosa, assim que viu meu filho José Carlos começou a imprecisar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau pra espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro que ela. (JESUS,1993, p.13).

Ao ler essas linhas, percebemos frases curtas, sem palavras enfeitadas, o que parece representar a pressa e o cansaço. Ela usa a metáfora da FAVELA É INFERNO, quando diz “Cheguei no inferno”, onde as pessoas são violentas, jogam fezes nas crianças e os sentimentos ruins se apossam do local e da própria escritora. E mesmo com tantas dificuldades, a personagem mostra cuidado com os filhos e tenta manter a dignidade, o que torna o texto ainda mais forte.

3 A METÁFORA NA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Hoje em dia, ainda é comum encontrarmos a definição antiga de metáfora, baseada no que Aristóteles citou na obra *Poética* (2008). Segundo ele, metáfora é quando

damos o nome de uma coisa para outra, ou seja, diz que uma coisa “é” ou “parece” outra. Essa forma de pensar é bem antiga, e aparece tanto na filosofia quanto na poesia, sendo até base para outros tipos de conhecimento, como o científico.

Novais e Almeida (2022) acrescentam que a visão de Aristóteles sobre a metáfora como algo da retórica, é como um enfeite da linguagem e que essa ideia foi levada a sério por mais de dois mil anos, quase sem ninguém questionar. Por isso, ainda hoje muita gente acha que metáfora está somente ligada aos livros e aulas de literatura, como se fosse um recurso bonito usado para deixar o texto mais estiloso.

Mas Zanotto (1998) nos alerta que:

[a] metáfora é considerada uma operação cognitiva fundamental, constitutiva da linguagem e do pensamento, e sua interpretação passa a merecer atenção especial, por envolver o desenvolvimento do raciocínio analógico e da capacidade interpretativa. (ZANOTTO,1998, p. 10)

É nesse sentido que trazemos a Linguística Cognitiva, de agora em diante LC, surgida nos finais dos anos 1970 e início de 1980, em que nos é proposta uma nova forma de tratar a linguagem, ou seja, nesse campo de estudo a linguagem tem função cognitiva e a nossa mente é corporificada, nos permitindo, através da linguagem, expor experiências sociais, físicas, corporais, entre outras.

Lakoff e Jhonsen, em 1980, lançaram uma obra intitulada *Metaphors We Live by* (*Metáforas da Vida Cotidiana*) na qual aparece essa ideia diferente sobre metáforas. Eles consideram que grande parte do nosso pensamento funciona de forma metafórica. Ou seja, nosso modo de entender o mundo e organizar ideias é baseado em metáforas. Essas expressões aparecem na linguagem justamente porque fazem parte da forma como pensamos e entendemos as coisas no nosso dia a dia (Lakoff; Johnson, 1980).

Sendo assim, quando usamos uma metáfora para expressar nossos pensamentos, estamos comparando duas partes diferentes. A primeira parte, de onde a metáfora é tirada, é o que chamamos de **domínio de origem**. E a segunda, que queremos explicar, a chamamos de **domínio de destino**.

Normalmente, o domínio de origem é mais concreto e mais fácil de imaginar, como viagem ou comida, ou seja, elementos que são do nosso cotidiano. O domínio de destino, por outro lado, costuma ser mais abstrato, como amor, ideias ou teorias. Essa comparação entre o concreto e o abstrato é o que forma as **metáforas conceptuais**. Deste modo, é importante destacar que, o domínio de origem é de onde a metáfora “vem” (uma espécie de doação da imagem). E o domínio de destino é aquilo que queremos compreender melhor, com a ajuda dessa imagem doada.

No nosso estudo, aprendemos que as ideias de *frame* e **Modelo Cognitivo Ideal** (MCI) ajudam a entender como organizamos os significados na mente. O *frame* funciona como um tipo de "esquema" mental que é ativado quando usamos certas palavras. Já o **MCI** está ligado à forma como imaginamos situações, papéis ou objetos com base nas nossas experiências sociais e culturais (FERRARI, 2011). Esses dois conceitos mostram

que o significado não está só na palavra em si, mas em todo um conjunto de conhecimentos que já temos e que é ativado quando falamos, ouvimos ou lemos.

De acordo com Lakoff (1987), os MCIs seguem quatro princípios. Um deles é a **estrutura proposicional**, que organiza as ideias em frases com sentido lógico, como é perceptível em "Levantei às 7 horas. Alegre e contente. Depois que veio os aborrecimentos." Aqui são visíveis as proposições: uma ação (levantar), o estado emocional (alegre e contente) e, em seguida, uma situação (aborrecimentos). Esse tipo de estrutura ajuda a compreender a realidade da escritora como rotina dura e marcada por momentos brevíssimos de alegria, pois em seguida vieram as dificuldades.

Outro princípio importante são os **esquemas imagéticos** (também chamados de Esquemas-I), que vêm das nossas experiências com o corpo e o espaço — ou seja, da forma como percebemos o mundo fisicamente. Alguns exemplos desses esquemas são: CONTÊINER (tipo um recipiente), PARTE-TODO, FRENTE-TRÁS, CIMA-BAIXO, ORIGEM-TRAJETO-DESTINO, FORÇA e EQUILÍBRIO. Esses esquemas nos auxiliam a entender o mundo sem nem perceber, porque já fazem parte da nossa forma de pensar. Então quando Carolina Maria de Jesus escreve "Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos pra fora." O "inferno" aqui é uma metáfora espacial e sensorial, porque ela transforma a própria casa num lugar de sofrimento extremo, ativando o esquema imagético de "lugar perigoso ou insuportável". A ideia de "dentro" (da casa) como negativo também é um uso forte do esquema CONTÊINER.

As metáforas conceptuais são o terceiro princípio, e podem ser vistas, por exemplo, quando a própria Carolina Maria de Jesus as usa para traduzir sua dor em imagens compreensíveis. A exemplo: "Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos." Fica nítido através da expressão "preferida" que há um peso social e afetivo: não se trata só de ser escolhida, mas de representar inveja, disputa, violência simbólica. Isso aciona à metáfora VIDA É COMPETIÇÃO, onde os relacionamentos são vistos como batalhas por atenção, afeto ou sobrevivência.

E por último, e não menos importante, os modelos baseados em protótipos, em que podemos classificar as coisas no mundo, não é só por semelhança física, mas por protótipos, ou seja, os exemplos mais típicos que vêm à mente. Para época, uma catadora de lixo, negra quebra protótipos pois se torna escritora, pois desafia a ideia racista e que foi normalizada de que escritoras só podem ser letradas, de classe alta e branca.

4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Como percurso metodológico, estabelecemos que, neste artigo, cabe uma abordagem qualitativa, com caráter descritivo e explicativo. Quando lemos a obra, visualizamos representações metafóricas e simbólicas e, ao tomarmos como base as teorias da Linguística Cognitiva - especialmente a **Teoria da Metáfora Conceptual**, formulada por Lakoff e Johnson (1980; 1999) e posteriormente ampliada por estudiosos como Feltes (2007), Ferrari (2011), Fillmore (1982) e Almeida (2016, 2018, 2020, 2021), pudemos compreendê-las em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Fundamentamos nossa análise também em modelos interpretativos desenvolvidos por Moreira (2015), Santana (2019) e Silva (2023), fazendo adaptações para o contexto específico da narrativa autobiográfica de Carolina, marcada por metáforas que expressam não apenas a dor da pobreza, mas a experiência corporal da exclusão social. A análise de metáforas como “a favela é um inferno”, “a fome é uma fera” ou “a vida é uma batalha” nos permitiu identificar a estruturação conceitual da experiência de marginalização, mediada por esquemas corporificados e categorias culturais profundamente enraizadas.

Seguimos os critérios metodológicos propostos por Almeida (2016) e Silva (2023), com adaptações ao contexto literário da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Essa sistematização teve como objetivo garantir clareza, organização e coerência na análise dos dados extraídos do corpus textual. Abaixo, descrevemos os procedimentos adotados:

- **Numeração dos exemplos:** Todos os trechos selecionados da obra foram numerados em ordem crescente, utilizando-se algarismos arábicos (1, 2, 3, etc.), o que facilitou a referência cruzada e a retomada dos dados ao longo da discussão.
- **Destaque das expressões linguísticas:** As expressões identificadas como potencialmente metafóricas foram destacadas em **negrito** nos exemplos, de modo a evidenciar o fragmento relevante à análise cognitiva.
- **Representação das metáforas conceituais:** As metáforas conceituais identificadas ao longo da análise foram apresentadas em CAIXA ALTA, conforme a convenção estabelecida na literatura especializada (LAKOFF; JOHNSON, 1980; FERRARI, 2011). Além disso, usamos um quadro que contém o frame, fragmento, tipo de mapeamento, esquema-I, expressões acionadas, domínios e as explicações referentes ao conteúdo. Essa escolha tipográfica facilita a distinção entre a linguagem comum e os esquemas conceituais subentendidos que organizam os domínios cognitivos em questão.

Por exemplo, ao escrever “Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos pra fora. A D. Rosa, assim que viu meu filho José Carlos começou a impricar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela.” (JESUS, 1993, p.13). (Exemplo 1), a autora aciona a metáfora conceptual A FAVELA É UM INFERNO. Aqui, o **domínio de origem** (INFERNO) — um espaço simbólico de sofrimento extremo e condenação — é projetado sobre o **domínio de destino** (FAVELA), estruturando cognitivamente a percepção do espaço urbano marginalizado.

4.1 ALGUMAS METÁFORAS ENCONTRADAS NO *CORPUS*

Exemplo textual (2): “A favela é o quarto de despejo da cidade.” (JESUS, 1960, p. 9) compreendemos que cidade moderna é organizada de modo que, um espaço, o quarto é o local de despejos, da bagunça da casa, o lugar da segregação. A favela é vista como um lugar onde a sociedade “joga” as pessoas pobres, assim como se descartam coisas inúteis em um quarto de despejo.

Desta forma, a metáfora acionada é A CIDADE É UMA CASA, e, nesse sentido, a metáfora projeta o domínio da CASA sobre o da CIDADE. A cidade é vista como uma casa, e a favela como seu “quarto de despejo”, espaço onde se acumulam coisas indesejadas e inúteis. A favela, nesse modelo, é o recipiente da exclusão social. O esquema de CONTÊINER é ativado tanto pela ideia de espaço delimitado quanto pela função de “depósito de resto”. A linguagem de Carolina Maria de Jesus evidencia a lógica de marginalização espacial e humana, ou seja, os pobres são os “objetos” relegados à periferia, ao lixo urbano da modernidade.

Frame	Fragmento	Tipo de mapeamento	Esquema-I	Expressões acionadas	Domínios
Espaço urbano	“a favela é o quarto de despejo da cidade”	Metafórico primário	CONTÊINER / OBJETO DESCARTADO	“quarto de despejo”, “cidade”, “favela”	Domínio-fonte: Casa/ambiente doméstico Domínio-alvo: Espaço urbano (cidade/favela)

Exemplo (3) “É quatro horas. Eu já fiz o almoço — hoje foi almoço. Tinha arroz, feijão e repolho e linguiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atoa (JESUS,1993, p.55)

Neste exemplo, Carolina Maria de Jesus vincula o ato de alimentar os filhos à experiência de existência plena e à dignidade humana. Mesmo em contextos de extrema pobreza, prover alimento é como uma manifestação elevada do amor materno. O arroz e o feijão, elementos simbólicos de uma refeição “completa”, representam também uma marca de pertencimento social. O uso do verbo “sou” nos dá a impressão de que quando os quatro pratos estão postos à mesa, não se trata apenas de saciar a fome, mas de afirmar a própria humanidade.

O sorriso “à toa”, então, surge do prazer profundo e raro de exercer o papel de mãe cuidadora em um ambiente urbano que, estruturalmente, nega às mulheres pobres quase tudo, especialmente o direito ao alimento. As metáforas acionadas na leitura desse fragmento escrito por Carolina são: FAZER COMIDA É SER ALGUÉM e IDENTIDADE É PRODUÇÃO DE ALIMENTOS. E esta cena de ver os filhos se alimentando aciona a metáfora primária – VER OS FILHOS COMENDO É FELICIDADE, então AMOR É NUTRIÇÃO e ALIMENTO É CUIDADO. E, para melhor ilustrar, formulado o seguinte quadro:

Frame	Fragmento	Tipo de mapeamento	Esquema-I	Expressões acionadas	Domínios
Amor/cuida	“fico sorrindo	Metafórico	CUIDAR É	“vendo meus	Domínio-fonte:

do	à toa”	primário	ALIMENTAR / AMAR É NUTRIR	filhos comendo”, “sorrindo”	filhos comendo arroz e feijão (ação física, visual) Domínio-alvo: afeto, cuidado, realização emocional (abstrato)
Identidade / Dignidade	“penso que sou alguém”	Metafórico secundário	EXISTIR É VALER / COMER É DIGNIDADE	“fiz o almoço” “penso que sou alguém”	Domínio-fonte: preparar comida (ação concreta, cotidiana) Domínio-alvo: valor pessoal, identidade (abstrato)

Diante disso, a autora nos conduz à compreensão de que alimentar vai além da função biológica, é como uma expressão profunda de afeto, identidade e resistência. Para Carolina, ver os filhos comerem é mais que um alívio, é a certeza de missão cumprida.

Exemplo (4): Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas [as mulheres da favela] tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis (JESUS, 1993 p.18)

Neste trecho, Carolina Maria de Jesus constrói uma poderosa rede de metáforas que tensionam a maternidade, a autonomia e a violência de gênero no contexto da favela. O cuidado materno é apresentado como ato de resistência e esforço incondicional, mobilizando a metáfora CUIDAR É LUTAR, em que enfrentar “qualquer espécie de trabalho” torna-se símbolo da dignidade de prover.

Então temos o seguinte quadro:

Frame	Fragmento	Tipo de mapeamento	Esquema-I	Expressões acionadas	Domínios
Maternidad e / Autonomia	“enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los”	Metafórico primário	CUIDAR É LUTAR	“qualquer espécie de trabalho”, “mantê-los”	Domínio-fonte: combate, esforço físico Domínio-alvo: maternidade, cuidado,

					responsabilidade
Violência de Gênero	“elas tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor”	Metafórico secundário	MULHER É OBJETO DE AGRESSÃO / CORPO É INSTRUMENTO	“apanhar”, “parece tambor	Domínio-fonte: objeto musical (tambor), violência física Domínio-alvo: condição feminina na favela, submissão
Resistência / Paz	“enquanto elas pedem socorro... eu ouço valsas vienenses”	Metafórico secundário	PAZ É DISTANCIAMENTO	“ouço valsas vienenses”, “tranquilamente no meu barracão”	Domínio-fonte: música clássica, tranquilidade Domínio-alvo: resistência solitária, dignidade em meio ao caos
Independência Feminina	“não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas”	Metafórico secundário	CASAMENTO É ESCRAVIDÃO / CASAMENTO É OPRESSÃO	“vida de escravas indianas”, “não invejo”	Domínio-fonte: escravidão, submissão histórica Domínio-alvo: casamento tradicional, opressão feminina
Autonomia / Escolha	“não casei e não estou descontente” / “os que preferiu me eram soezes”	Metafórico primário	NÃO SE SUBMETER É LIBERDADE	“não estou descontente”, “soezes”, “condições horríveis”	Domínio-fonte: julgamento moral, liberdade pessoal Domínio-alvo: celibato como ato de resistência e escolha consciente

Ainda no **exemplo (4)**, compreendemos que ao descrever as mulheres que “apanham” e “parecem tambor”, aciona a metáfora CORPO FEMININO É OBJETO DE VIOLÊNCIA, desumanizando a experiência feminina nas relações conjugais marcadas pela opressão. Em contraste, a autora afirma sua condição de mulher solteira com autonomia e paz, evocando a imagem de quem “ouve valsas vienenses” enquanto outras mulheres “pedem socorro”. Aqui, outra metáfora é acionada, a RESISTÊNCIA É HARMONIA, na qual o distanciamento do ciclo de violência conjugal aparece como forma de preservação emocional.

Por fim, ao afirmar que não inveja “as mulheres casadas da favela” e que rejeitou relações com homens “soezes”, Carolina Maria de Jesus nos deixa diante da seguinte metáfora CASAMENTO É ESCRAVIDÃO, rompendo com a idealização da união conjugal. Sua escolha por ser mãe-solo e sem perspectiva de nenhum casamento não é carência, mas afirmação de liberdade e identidade.

Assim, as metáforas articuladas por Carolina não apenas narram sua vivência, mas denunciam sistemas de opressão e revelam a potência de uma mulher que, mesmo na pobreza extrema, recusa a submissão e sustenta seus filhos com dignidade e coragem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos proporcionou um aprofundamento na área de Linguagens, investigando as metáforas do cuidado presentes na obra de Carolina Maria de Jesus. A análise de seus escritos revelou como sua vivência, marcada por desafios e resistência, influencia a maneira como ela expressa afeto, solidariedade e denúncia social.

Com isso, concluímos que a análise da linguagem metafórica em *Quarto de despejo* vai muito além do estilo literário. Ler Carolina Maria de Jesus através dos olhos da Linguística Cognitiva, nos convida a relacionar a linguagem e experiência, a palavra e o mundo.

Em última instância, Carolina Maria de Jesus não apenas escreve sobre a favela, ela a pensa, a transforma e a expõe por meio de metáforas que nos forçam a ver, a sentir e, sobretudo, a entender. Assim, este artigo nos permitiu ampliar a compreensão sobre a potência e a singularidade de sua escrita, destacando o impacto de sua voz na construção de uma memória literária mais representativa e inclusiva. Há mais estudos a serem desenvolvidos, há muitas outras metáforas que podem ser percebidas, há outras áreas que nos servem como base teórica de análise, portanto há mais aprofundamentos que podem ser feitos em outros trabalhos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. D. *Oh, oh, o gigante acordou! Brasil, junho de 2013: conceptualizações e metáforas das manifestações*. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 38, n. 2, p. 139-152, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v38i2.25277>. Acesso em: 20 mar. 2025.

ALMEIDA, Ariadne Domingues. *Conceptualizações da ação sexual na Idade Média: revelações das cantigas de escárnio e maldizer*. In: RODRÍGUEZ, David; LOPES, Mailson (org.). *Galícia doutro lado do Atlântico: estudos galegos na Bahia*. Salvador: Ponte Atlântica, 2018. p. 61-86.

ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues. *O ser humano é um animal? E o que mais? Metáforas na Idade Média*. *XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014)*, João Pessoa – PB, Brasil, 2014. p. 4595-4606. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0668-1.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2025.

FELTES, Heloisa Pedroso de Moraes. *A semântica cognitiva prototípica de George Lakoff*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 101-117, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/16070>. Acesso em: 14 jul. 2021.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles. *Frame semantics*. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática: [s.n.], 2014. Disponível em: <https://dpid.cidadaopg.sp.gov.br/pde/arquivos/1623677495235~Quarto%20de%20Despejo%20-%20Maria%20Carolina%20de%20Jesus.pdf.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2025.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sofia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, 2002 [1980].

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação da tradução: Mara Sofia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras: Educ. São Paulo, 2002 [1980].

MOREIRA, Cristiane Fernandes. *As metáforas da maré: um estudo das metáforas conceituais nas unidades terminológicas da pesca em Baiacu/Vera Cruz/Bahia*. 2015. 422 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/4643/1/igordeoliveiracosta.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2025.

NOVAIS, Urandi Rosa; ALMEIDA, Ariadne Domingues de. *As metáforas da morte: um passeio literário e musical*. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 22., 2022, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: CNLF, 2022. Disponível em: http://filologia.org.br/xxii_cnlf/completo/as_metaforas_da_morte_URANDI.pdf. Acesso em: 22 maio 2025.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. *Estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do AMOR em cartas dos séculos XIX e XX*. 2019. 217 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SILVA, Daianna Quelle da Silva Santos. *Dois documentos, duas histórias e a mesma dor: edição filológica e estudo cognitivo do estupro e do corpo feminino violentado em dois crimes de estupro (1936 e 1941-1942)*. 2023. 214 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana. Disponível em: <http://200.128.81.65:8080/bitstream/tede/1551/2/Tese%20->

[%20Daianna%20Quelle%20da%20Silva%20Santos%20da%20Silva.pdf](#). Acesso em: 18 maio 2025.

SOUZA, José Rodrigues de. *A importância da linguagem escrita em uma sociedade competitiva*. *Revista Anhanguera*, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 147-161, jan./dez. 2001.

Disponível em: http://unigoias.com.br/wp-content/uploads/09_a_importancia_da_linguagem_escrita_em_uma_.pdf. Acesso em: 21 maio 2025.

ZANOTTO, Mara S. T. *Metáfora e indeterminação: abrindo a caixa de Pandora*. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de (Org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1998.